

06-07-2023

MEU NOME É...

(SE NÃO HOUVER O ESPANTO NÃO HÁ POESIA)

FERREIRA GULLAR

Gyslaine Daureu Weltz

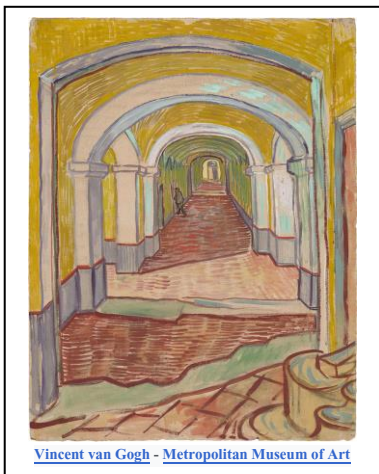
[Bacharel e licenciada em Literatura]

Quando fui parado por um casal no meio da rua que me reconheceu como o poeta, eu que vinha andando cheio de preocupações na cabeça, meio surpreso quando eles saíram perguntei-me: Quem sou eu? Eu sou o poeta ou sou essa pessoa aqui, atormentada com esses problemas? Então, ao subir p'ro jornal, já no elevador, eu comecei ... *uma parte de mim é todo mundo, outra parte é ninguém, fundo sem fundo...*

*É melhor ser feliz do que ter razão. Na crônica você decide o que vai escrever. Na poesia não é você que decide.*

...me chamo José Ribamar Ferreira; mas como todo mundo no Maranhão é Ribamar, eu decidi mudar meu nome e fiz isso. Usei o Ferreira que é do meu pai e o Gullar que é de minha mãe, só que eu mudei a grafia porque o Gullar de minha mãe é o Goulart francês; é um nome inventado, como a vida é inventada eu inventei o meu nome. Eu já era nascido, desde 1930, quando fiz isso e fiquei assim. Bacharelei em subversão, em Moscou, quando fui exilado pela ditadura militar, só por causa de minha militância no Partido Comunista Brasileiro. Depois conservadorei por vários motivos, mas uma semana antes de morrer, em 2016, pedi à minha filha Luciana p'ra me levar à Praia de Ipanema.

Marcos e Paulo, meus dois outros filhos, eram esquizofrênicos. Desse sofrimento nasceu meu poema **INTERNAÇÃO**  
Ele entrava em surto  
E o pai o levava de carro para a clínica ali no Humaitá numa tarde atravessada de brisas e falou (depois de meses trancado No fundo escuro de sua alma) pai, o vento no rosto é sonho, sabia? Teria muito para dizer. Prefiro calar.



Vincent van Gogh - Metropolitan Museum of Art

Sei que a vida vale a pena / Mesmo que o pão seja caro / E a liberdade pequena.

CANTADA

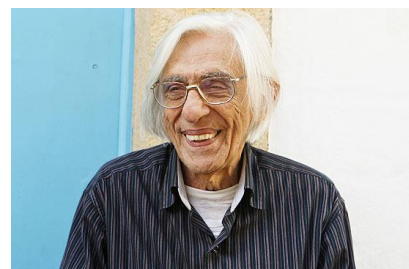
Você é mais bonita que uma bola prateada de papel de cigarro  
Você é mais bonita que uma poça d'água límpida num lugar escondido  
Você é mais bonita que uma zebra que um filhote de onça  
que um Boeing 707 em pleno ar  
Você é mais bonita que um jardim florido em frente ao mar em Ipanema  
Você é mais bonita que uma refinaria da Petrobrás de noite mais bonita que Ursula Andress que o Palácio da Alvorada mais bonita que a alvorada que o mar azul-safira da República Dominicana  
Olha, você é tão bela quanto o Rio de Janeiro em maio e quase tão bonita quanto a Revolução Cubana.  
(*Dentro da noite veloz*, 1975.)

SUBVERSIVA

A poesia quando chega não respeita nada.  
Nem pai nem mãe.  
Quando ela chega de qualquer de seus abismos desconhece o Estado e a Sociedade Civil infringe o Código de Águas relincha como puta nova em frente ao Palácio da Alvorada.  
E só depois reconsidera:  
Beija nos olhos os que ganham mal emba no colo os que têm sede de felicidade e de justiça.  
E promete incendiar o país.  
(*Na vertigem do dia*, 1980.)

OFF PRICE

Que a sorte me livre do mercado e que me deixe continuar fazendo (sem o saber) fora de esquema meu poema inesperado e que eu possa cada vez mais desaprender de pensar o pensado e assim poder reinventar o certo pelo errado



TRADUZIR-SE

Uma parte de mim é todo mundo; outra parte é ninguém: fundo sem fundo.  
Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão.  
Uma parte de mim pesa, pondera; outra parte delira. Uma parte de mim almoça e janta; outra parte se espanta.  
Uma parte de mim é permanente; outra parte se sabe de repente.  
Uma parte de mim é só vertigem; outra parte, linguagem.  
Traduzir-se uma parte na outra parte - que é uma questão de vida ou morte - será arte? (*Na vertigem do dia*, 1980)

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema não foi produzido por mim nem surgiu dentro do açucareiro por milagre. Vejo-o puro e afável ao paladar como beijo de moça, água na pele, flor que se dissolve na boca. Mas este açúcar não foi feito por mim. Este açúcar veio da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia. Este açúcar veio de uma usina de açúcar em Pernambuco ou no Estado do Rio e tampouco o fez o dono da usina. Este açúcar era cana e veio dos canaviais extensos que não nascem por acaso no regaço do vale. Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome aos 27 anos plantaram e colheram a cana que viraria açúcar. Em usinas escuras, homens de vida amarga e dura produziram este açúcar branco e puro com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.  
(Toda poesia, 1950/1980) ■■■

Nota do Editor: A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/as, autore/as, exerce uma alteridade psico-arqueológica, transmuta-se neles/as...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.